

PLANO DE AULA

I. Identificação

Autores do Plano de Aula: Manuel Henrique Vieira Matrangolo, Pedro Henrique Nascimento (alunos de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

Data de elaboração do plano: 2/2023;

Série/Ano: Ensino Médio;

Carga horária prevista: 3 horas/aula.

II. Tema/assunto/título da aula

Os soldados africanos no exército francês na I Guerra Mundial: súditos sem direitos lutando para defender os cidadãos da República da França.

III. Objetivos

a) Geral:

Debater com os/as estudantes, a partir de fontes históricas, o papel dos soldados africanos no exército francês durante a I Guerra Mundial, discutindo como os ideais republicanos da França se chocavam com as ideias racistas e coloniais nas questões relacionadas aos soldados negros. Objetiva também discutir a persistência dessas ideias no decorrer do século XX, com a luta pelos direitos dos veteranos africanos que serviram nos exércitos coloniais franceses.

b) Específicos:

Aulas 01 e 02:

I – Problematizar as representações dos soldados que lutaram a I Guerra por meio da fotografia de soldados africanos após a batalha pelo Forte Douaumont, em Verdun, França, 1916;

II – Compreender a fotografia como uma fonte histórica e não como mera ilustração;

III – Discutir as relações entre racismo e imperialismo;

IV – Analisar criticamente narrativas hegemônicas tendo como base fontes históricas que privilegiam a experiência de indivíduos e grupos sociais silenciados;

V– Debater as consequências da participação imposta à África na I Guerra.

Aula 03:

I – Compreender a situação dos veteranos que lutaram a I Guerra a partir da análise do trailer do filme *Tirailleurs*, como a consequência das políticas raciais do exército francês no primeiro quartel do século XX;

II – Questionar os métodos pelos quais os africanos nas colônias francesas eram recrutados, em contraste com o alistamento voluntário que se via na França;

III – Discutir a negação, até a atualidade, do direito de pensão aos veteranos africanos e suas relações com o racismo presente na dominação colonial.

IV. Conteúdo

Aulas 01 e 02:

- a) abordagem do uso de fotografias como fonte histórica;
- b) a presença de soldados africanos no exército francês durante a I Guerra;
- c) discutir a dissonância entre os ideais de igualdade republicanos e as ideias racistas que permeavam os estados imperiais.

Aula 03:

- a) o apagamento das “tropas coloniais” nas representações da I Guerra;
- b) a permanência da dissonância entre os ideais de igualdade e as ideias racistas;
- c) a negação de direitos de pensão aos soldados africanos que participaram da Primeira Guerra.

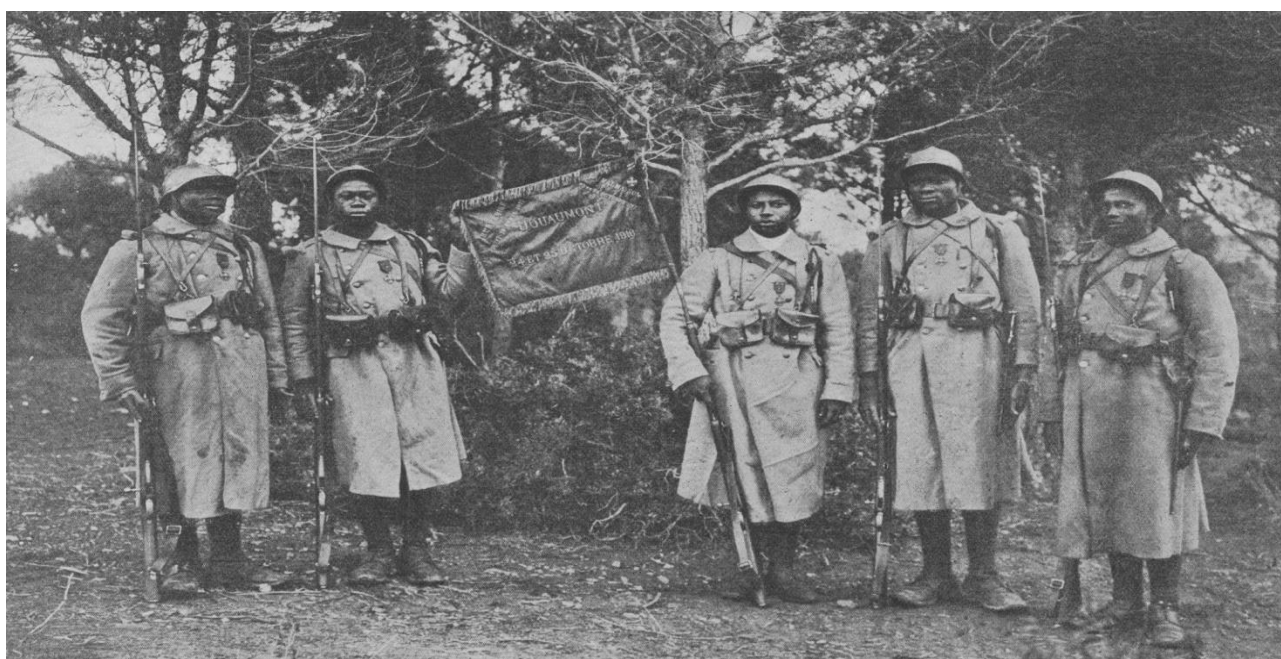
V. Pré-requisitos

É importante que os/as estudantes tenham conhecimento básico acerca da I Guerra Mundial e suas causas, principalmente no que diz respeito ao imperialismo europeu na África.

VI. Metodologia e recursos didáticos

Aulas 01 e 02

A aula começará com uma discussão sobre as imagens pré-existentes no imaginário dos/das estudantes sobre os soldados que lutaram na I Guerra, de modo a levantar as suas representações do passado. Em seguida, será apresentada a fotografia de soldados “senegaleses” após a batalha pelo Forte Douaumont, em Verdun, 1916, na França.



Fotografia de soldados “senegaleses” lutando pela França após a batalha pelo Forte Douaumont: (Autoria desconhecida), França, 1916. *Le fanion du 43e bataillon de tirailleurs sénégalais décoré de ka fourragère*, Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Le_fanion_du_43e_bataillon_de_tirailleurs_s%C3%A9n%C3%A9galais_d%C3%A9cor%C3%A9_de_ka_fourrag%C3%A8re.jpg. Acessado em: 20/06/2023.

Esta foto foi tirada após um confronto protagonizado pelo 43º Batalhão de soldados africanos, que lutaram contra o exército alemão. Não se sabe o nome do autor responsável pela fotografia, apesar de ser seguro afirmar que se trata de uma fotografia oficial – pelo fato de ser logo após uma batalha, dos soldados estarem posando, das dificuldades de se obter e transportar uma câmera, e das proibições impostas pelo exército à atuação de fotógrafos comerciais na Guerra.

Apesar do nome “Batalhão de soldados senegaleses”, os soldados que compunham o batalhão originavam de diversos pontos da África sob controle francês, que eram agrupados todos sob um mesmo gentílico, ignorando as diferenças culturais e linguísticas entre eles, levando a uma dificuldade, inclusive, de comunicação.

Os batalhões “senegaleses” não foram uma novidade da I Guerra Mundial, tendo sido criados por Napoleão III, em 1857, mas o seu uso em solo europeu foi inédito. A França trouxe mais homens africanos para combater na Europa do que qualquer outra potência da época. Estimativas apontam que, no seu conjunto e até ao final da guerra, as colônias francesas em África forneceram aproximadamente 450.000 soldados para a frente ocidental. Destes, aproximadamente, 65.000 morreram nos campos de batalha da Europa. Ao longo de 4 anos, 35.000 senegaleses desertaram, refugiando-se na Gâmbia e na Guiné Portuguesa.

Para além dos soldados, os franceses recrutaram africanos para trabalharem na França durante a I Guerra. Em 1918, 158.000 africanos trabalhavam na Europa, apoiando o esforço de guerra francês. O número total de africanos mobilizados, como soldados, trabalhadores ou carregadores, chegou aproximadamente 2,5 milhões de africanos, valor que corresponde a, aproximadamente, 1% do total da população do continente.

Ao observar a fotografia é possível notar que todos os soldados possuem medalhas em seus peitos, mostrando que foram condecorados com a *Fourragère*, uma medalha de distinção concedida às unidades dignas de nota – isso indica a possibilidade de ascensão dentro do exército para os soldados vindos das colônias. Porém, apesar de terem a possibilidade de ascender no exército, ainda havia um forte preconceito na cadeia de comando – nota-se que a tropa era formada exclusivamente por negros, em razão da segregação racial. Além disso, um soldado africano avançava de postos mais devagar que sua contraparte branca, tendo um limite tanto quanto à posição que poderia alcançar quanto ao comando exclusivo de tropas negras.

Pela fotografia, apesar de não ser evidente, por se tratar de uma foto em preto e branco, é possível reparar que os uniformes dos soldados são mais claros, distintos dos uniformes azuis usados pelos soldados franceses durante a I Guerra. Isso porque os soldados africanos usavam roupas de cor bege, para diferenciá-los dos franceses. Essa segregação permanecia até mesmo dentro dos hospitais, onde havia espaços exclusivos para o tratamento dos soldados africanos.

Aqui é importante discutir que os líderes e povos dos principais países colonizadores se viam como impérios e, sob a ótica imperial, africanos não poderiam se igualar aos franceses, apesar da missão civilizadora. Isso revela uma visão colonial evolucionista de que os africanos eram inferiores, primitivos e selvagens sendo incapazes de se tornarem verdadeiramente civilizados, como os europeus brancos.

Os soldados africanos eram chamados vulgarmente de voluntários, mas eram coagidos a participarem da guerra sem que lhes estivesse associada a recompensa da cidadania por serem negros, o que demonstra a existência de uma ideologia racista fundamentando os estados imperiais. Para a França, as populações coloniais deviam não apenas gratidão pelo fato da França “elevantar” as suas populações inferiores, mas deviam também alistamento militar, trabalho forçado, “impostos” e exploração. Nesse sentido, as numerosas populações coloniais pareciam ser alvos perfeitos para recrutamentos. Ou seja, a França governou o seu Império pelo uso da força e justificou esse domínio com a superioridade racial e civilizacional.

A I Guerra Mundial foi o primeiro conflito a ser fotografado em detalhe, sendo a fotografia utilizada para explorar e controlar o apoio à guerra. Foi durante a Guerra que foram desenvolvidas as infraestruturas necessárias para o uso da fotografia como uma mídia de massas, aprimorando a tecnologia já existente. O uso da fotografia como meio de propaganda e de espionagem foi rapidamente reconhecido durante o conflito e novas leis foram escritas especialmente para lidar com a tecnologia. Há também uma demanda do público por fotografias da Guerra, indo diretamente contra as censuras impostas pelos governos. Com o tempo, os exércitos passaram a incluir fotógrafos oficiais, com o intuito de produzir propaganda e estimular o apoio dos civis à Guerra, que começava a se deteriorar. A existência de fotos de soldados africanos, com os quais era mais improvável que os cidadãos franceses simpatizassem, é uma evidência de que o governo francês, além de se preocupar com o apoio interno na França, também estava interessado em projetar uma propaganda para seus territórios coloniais.

Também será discutido o uso da fotografia como uma fonte histórica, indo além da mera ilustração. A fotografia analisada será historicizada no contexto da guerra, com relação à batalha após a qual foi tirada, com relação ao colonialismo e com relação à tecnologia, sendo a I Guerra Mundial o primeiro de larga escala registrado visualmente.

A seguir, será feita uma explicação da participação africana na I Guerra. Começará pela excepcionalidade do exército francês, o único exército europeu a incluir soldados negros em larga escala para lutas na Europa, com batalhões inteiros formados por africanos. Serão debatidas as formas como esses soldados eram recrutados, como eles eram recebidos na França e como havia uma disputa entre os ideais de igualdade republicanos, que permitiam que os negros participassem da estrutura militar, e os pensamentos coloniais racistas, que negavam direitos aos negros, limitando sua participação e colocando-os como indivíduos de segunda classe dentro dos batalhões.

Questões importantes para a compreensão do documento:

1. Em 1914, ano da eclosão da I Guerra Mundial, com exceção da Etiópia, da Libéria e da União Sul Africana, que eram independentes, da Líbia e de

Marrocos, que não tinham sido ainda “formalmente conquistados”, o resto do continente africano encontrava-se já ocupado e dividido entre o Reino Unido, França, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália e Bélgica. Em 1918, o continente africano, se excluirmos os territórios sob domínio espanhol que permaneceram neutros, estava no seu conjunto formalmente envolvido numa Guerra que não era dos africanos;

2. Consequências da participação imposta à África na I Guerra Mundial: as consequências da I Guerra Mundial em África, cujos impactos se fizeram sentir em todo o continente ao longo de 4 anos, só podem, em grande medida, ser comparáveis aos efeitos devastadores provocados por séculos de escravatura. O recrutamento em massa das populações africanas fez-se sentir, rapidamente nas comunidades locais, a ausência de homens na produção agrícola, por exemplo, ocasionando a diminuição drástica das produções que cedo se revelaram insuficientes para suprir as respectivas necessidades alimentares. Os preços dos escassos alimentos disponíveis, aumentaram rapidamente e a fome fez-se sentir de forma generalizada;
3. Ao longo de 4 anos, com as populações africanas deslocadas, milhares de africanos foram mortos e culturas e histórias africanas foram destruídas.

Aula 03:

A aula começará com a apresentação do *trailer* do filme franco-senegalês “*Tirailleurs*” (Atiradores ou Escaramuçadores), um drama de 2022 dirigido pelo francês Mathieu Vadepied. O filme narra a participação dos soldados africanos que lutaram pela França na I Guerra Mundial e conta a história de um pai senegalês que se alistou no exército francês para ficar ao lado de seu filho de 17 anos, que fora convocado à força – no *trailer* podemos ver o momento em que o rapaz tenta correr de um francês a cavalo, que o golpeia nas costas; também podemos ver o pai na tenda de um comandante francês, se alistando. Aqui podem-se questionar os métodos pelos quais os africanos eram recrutados à força nas colônias francesas, em contraste com o alistamento voluntário que se via na França.

No *trailer*, pai e filho são mandados para o leste da França, onde o filho acaba sendo acolhido por um tenente branco e promovido à cabo. Enquanto o pai se esforça para que os dois sejam mandados para longe do *front*, o filho, convencido de que será naturalizado francês após a Guerra (promessa nunca cumprida), insiste em lutar – no *trailer*, podemos ver um trecho de um discurso de um general francês que diz que, após a guerra, os africanos não serão mais “nativos” e se tornarão franceses. Aqui fica demonstrado como os soldados eram cooptados com falsas promessas de cidadania francesa. Além disso, é importante debater como esses soldados sacrificaram sua vida, muitas vezes à força, por um Estado que não era o seu e foram posteriormente abandonados por esse Estado.

No filme, em uma batalha o pai morre, e o filho se vê forçado a abandonar o corpo no campo de combate. Após a Guerra, o filho, agora com várias condecorações, volta ao Senegal e se reúne com sua família.

O filme será contextualizado com a apresentação da matéria “Filme ‘Tirailleurs’ pode ajudar à desconstrução de mitos”, publicada em 04/01/2023 no site Rfi, que traz uma entrevista com **Régio Conrado**, investigador moçambicano associado ao Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Bordéus sobre a participação de soldados africanos na I Guerra Mundial.

Na matéria, o pesquisador afirma que este filme possibilita a luta da reconstrução e desconstrução de uma narrativa que consistia em não reconhecer os ‘*tirailleurs sénégalais*’, que foram determinantes na vitória dos aliados, em especial da França na I Guerra Mundial. Permite, ainda, discutir porque estas pessoas que deram a sua vida a favor da França não recebiam as pensões corretas e eram - ou são, para alguns ainda vivos - desprezados. Tudo isto vai questionar a relação profunda que a França tinha com as suas colônias.

Aqui é importante discutir a negação de direitos de pensão aos veteranos de guerra africanos que serviram aos exércitos coloniais franceses. A matéria narra que a decisão pela garantia dos direitos foi tomada na data do lançamento do filme, em janeiro de 2023, que fora produzido justamente no contexto da luta por esses direitos negados. A partir dessa informação, será discutida qual era a situação dos direitos dos veteranos até então: como os veteranos eram obrigados a morar pelo menos 6 meses por ano na França para receber suas pensões; como, após as independências das colônias francesas na África, nos anos 60, os veteranos passaram a ser tratados como estrangeiros.

A matéria também permite problematizar que os franceses, durante décadas, desconsideraram a participação dos negros na I Guerra Mundial mostrando a forma como foram recebidos quando da entrada das tropas francesas e americanas em Paris [no desfile da vitória] em que os negros foram praticamente excluídos. Discutir que a França tentou renegar uma parte importante da sua história. Sem a participação destes negros, negros africanos, a sua vitória ou o seu desempenho militar teria sido muito fraco.

Pode-se debater ainda que, durante a Guerra, os africanos eram usados como “bucha de canhão” e, como se vê no filme, a morte de africanos na frente de combate não criava sobressaltos comparativamente ao que podia acontecer aos brancos franceses. Ou seja, o filme abre a possibilidade de rediscutir uma parte da memória francesa, que não quer ser discutida, que é o problema do racismo estrutural que estava presente tanto da parte do Estado francês, assim como dos próprios oficiais superiores das Forças Armadas francesas.

No dia em que o filme chegou às salas de cinema, o governo francês informou que estes antigos combatentes vão poder regressar aos seus países e continuarem a receber as pensões de reforma. Até agora, eles eram obrigados a viver metade do ano na França para poder receber essa ajuda financeira. É uma grande vitória, ainda que “vem tarde”. Na França, estima-se que somente estejam vivos cerca de 40 antigos ‘tirailleurs’ e têm mais de 90 anos.

Enfim, as aulas pretendem discutir a decadente situação material em que os soldados africanos foram expostos pelos governos franceses no pós-guerra, produzindo uma relação entre abandono e racismo que remete diretamente ao racismo, imperialismo e

à ordem das relações da França com suas colônias na África no século XX.

VII. Avaliação

Os alunos e as alunas deverão responder, em um debate aberto, as seguintes questões: *Quais relações foram produzidas entre as tropas coloniais e o governo francês durante a Primeira Guerra? De que forma a questão racial diferenciara os soldados africanos no front dos demais cidadãos franceses? Por quais motivos há uma dissonância entre as representações imagéticas desses soldados de seu estado material? É possível relacionar o racismo ao imperialismo francês no caso da Primeira Guerra Mundial?*

VIII. Bibliografia

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. **Pensando a fotografia como fonte histórica**. Scielo, 1987. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/XgLLG7wGBm5TG3hccWz9TTt/>>. Acessado em: 20/06/2023.

EDITORIAL DE LA ROCHELLÉ UNIVERSITÉ. **Les tirailleurs: un devoir de mémoire**. La Rochelle Université, Collections, (data desconhecida ou não informada na plataforma). Disponível em: <<https://bu.univ-larochelle.fr/actualites/les-tirailleurs-un-devoir-de-memoire/>>. Acessado em: 20/06/2023.

EDITORIAL DE THE LAND OF MEMORY. World War I: Senegalese Rifleman. **The Land of Memory**, (data desconhecida ou não informada pela plataforma). Disponível em: <<https://www.landofmemory.eu/en/sujets-thematiques/the-senegalese-riflemen/#:~:text=During%20the%20First%20World%20War,were%20killed%2C%20i.e.%2030%2C000%20soldiers>>. Acessado em: 20/06/2023.

EDITORIAL DE LSE. #Great War in Africa: France, Africa and the First World War, 100 years on. **LSE**, 2014. Disponível em: <<https://blogs.lse.ac.uk/africaatlse/2014/09/15/greatwarinafrica-france-africa-and-the-first-world-war-100-years-on/>>. Acessado em: 20/06/2023.

FOGARTY, Richard S. **Race, racism and military strategy**. British Library, 2014. Disponível em: <<https://www.bl.uk/world-war-one/articles/race-racism-and-military-strategy>>. Acessado em: 20/06/2023.

FOGARTY, Richard S.; PIRES, Ana Paula. África e a primeira guerra mundial. **Open Edition Journals**, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lerhistoria/721>>. Acessado em: 20/06/2023.

MAUAD, Ana Maria. **Fotografia e História**. Rede da Memória Virtual Brasileira (BND Digital), (data desconhecida ou não informada na plataforma) <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/artes/fotografia-e-historia/>>. Acessado em: 20/06/2023.

ROBERTS, Hilary. **Photography**, 2014. Disponível em: <<https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/photography>>. Acessado em: 20/06/2023.

RFI. **Filme “Tirailleurs” pode ajudar à “desconstrução de mitos”**, publicada em 04/03/2023. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/pt/programas/convidado/20230104-filme-tirailleurs-pode-ajudar-%C3%A0-desconstru%C3%A7%C3%A3o-de-mitos>>. Acessado em: 20/06/2023.

Trailer Tirailleurs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PbpCntDgq8I>. Acessado em: 20/06/2023.